

Jornal: Correio da Manhã
Data: 15-09-1968
Local: Rio de Janeiro
Título: Serpa em fase amazônica
Autor: Pedrosa, Vera

SERPA EM FASE AMAZÔNICA

A exposição de **Ivan Serpa** na Bonino é um reencontro com uma fase muito fecunda e didática da pintura brasileira. O salão de exposições da Bonino oferece ao visitante aquela impressão de tranquilidade, otimismo, limpeza, tão característica das mostras concretistas de há cerca de dez anos atrás. A perfeição artesanal e o rigor tão característicos do artista sobressaem nessa pintura de poucos elementos, em que planos e côr fornecem todo o conteúdo pictórico e expressivo.

E, no entanto, na sua volta a uma pintura mais severa, mais construída, **Ivan** não refaz o concretismo. Não há nenhuma "necessidade geométrica" no partido que adota, nas soluções que encontra para cada tela. Hélio Pellegrino, no texto de apresentação do catálogo, fala de "Pintura Amazônica". De fato, os verdes e os rosas de Serpa lembram o tropicalismo de Tarsila, inscrevendo-se na linha ao mesmo tempo otimista e ingênua de uma pintura que se quer conscientemente brasileira. E a composição, que parte sempre da periferia para o centro, forma como que grandes flôres ou mandalas, interrompendo os planos, o tema recorrente de dois semicírculos que se encontram fornece a chave que remete para o erotismo quase surrealista dos desenhos.

Nas telas, a grande qualidade pictórica de **Serpa** se afirma sem hesitações. É curioso observar como o que importa, nesta exposição, é o conjunto das telas. A clareza das formas, a simplicidade dos elementos que compõem a mostra com que cada unidade se acrescenta à outra para formar um ambiente. A atitude do espectador não é a de quem procura ver isoladamente cada tela, mas a de quem faz a soma mental das

já cat

relecionar
reclut

dupli cat

unidades que se oferecem à percepção.

Esta unidade não é rompida pelos desenhos, muito embora estes nada tenham de "geométrico". O tema erótico, que focaliza segmentos de corpos que se enlaçam como que explicita o tangenciamento dos dois círculos das telas. A meu ver, a vibração das cores dos quadros encerra um lirismo ainda maior que o dos desenhos. Nestes, o erotismo do tema é contrariado pela minúcia técnica, pelo ^{quasi} formalismo dos pontos que se multiplicam para criar as massas. Nos desenhos, Serpa se entrega a um virtuosismo exacerbado. E é justamente este virtuosismo, esta limpeza quase desvairada do desenho, esta frieza técnica a contrariar a doçura do tema, que dá o caráter insólito e surrealista a estes trabalhos.

Assim, as duas faces da exposição de Serpa, aparentemente tão diferentes, acabam por fundir-se em uma expressão só. O geometrismo barroco das telas e o barrôco distanciado e "frio" dos desenhos são claramente frutos de uma imaginação criadora. Nessa mostra surge um Serpa maduro, reencontrado consigo mesmo, mais rico por ter passado pelas diversas experiências que se permitiu seguir, mais seguro do que nunca.

.....
.....

Instituto de Arte Contemporânea